



Perspectivas da Televisão Infantil: uma análise do termo ‘babá eletrônica’ numa escola privada de Itabuna-Ba ¹

Raquel S. Rocha.²
Roberto R. M. Cotta³
Scheilla F. de Souza.⁴

RESUMO

Resultado de uma abordagem proposta em apresentações de seminários pela disciplina Televisão Infantil, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), o presente artigo tem como pressuposto mediar uma relação educacional entre a criança e a televisão. Nessa esfera, foram confrontados conceitos-chave de alguns dos principais teóricos do tema em debate. Como recorte epistemológico, foi feita ainda uma pesquisa de campo com crianças, com idade entre quatro e sete anos, de uma escola privada, na cidade de Itabuna-Bahia. O objetivo é evidenciar o questionamento da funcionalidade orgânica da televisão como uma ‘babá eletrônica’ do público infantil, sobretudo, em relação às crianças pertencentes a famílias de classe média, em termos econômicos. Conclui-se que o conceito em debate apresenta vertentes contrastantes, estando digno de reformulação.

Palavras-chave: Televisão Infantil; Criança; Babá Eletrônica; Ensino Particular; Itabuna-Bahia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

A televisão não pode ser compreendida em si.
Ela não é um instrumento puramente técnico,
o uso dela é político.
(PAULO FREIRE)

¹ Trabalho apresentado à III Semana de Comunicação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), 2006. Orientação do Prof. Ms Rodrigo Bomfim de Oliveira.

² Bacharel em Economia, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Graduando em Comunicação Social, com habilitação em Rádio Tv, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

³ Graduando em Comunicação Social, com habilitação em Rádio Tv, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

⁴ Graduando em Comunicação Social, com habilitação em Rádio Tv, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).



As imagens se proliferam segundo após segundo, ao passo que o olhar humano tem a obrigação de estar continuamente mais atento, pois os signos se abarrotam no macrocosmo social bem como as mensagens e os bens simbólicos. A dinâmica desse espaço vem se constituindo numa profusão de modificações que, segundo Baudrillard (1995), parece criar uma ambiência que ‘ataca’ incessantemente o ser humano.

Essas palavras compõem um discurso demasiado apocalíptico da sociedade contemporânea. Mas, de toda forma, o que caracteriza esse pensamento é a proeminente capacidade midiática de propor ou construir a realidade, tal qual quebrar essa ideologia significa contestar uma corrente acadêmica que por décadas vem sobrevivendo.

Cabe neste trabalho a mediação das vertentes comuns desses grupos de estudo e a tentativa de moldar uma visão mais encorpada sobre os modos discursivos utilizados pela mídia e o caráter educacional que se insere nos meios e nas novas formas de comunicação.

Tem-se aqui, como ponto de partida, a afirmação de que grande parte dessa nova esfera imagético-comunicacional é possibilitada pelos adventos tecnológicos. Sendo assim, a comunicação contemporânea não somente é composta de fontes de entretenimento (prazer, lazer, diversão), mas também é um mecanismo de informação, conhecimento e formação de opinião.

Na era do audiovisual, a família, a escola, as fontes tradicionais de formação dos indivíduos, não se configuram mais como os únicos e nem tampouco os mais utilizados instrumentos de saber.

De acordo com Schaun (2002), as tecnologias comunicacionais, que têm como principais representantes a televisão e a internet, instauram a multiplicidade do saber e de suas fontes. A ubiquidade, isto é, a onipresença dessas mídias, instaura uma nova ordem do tempo e adquirem a possibilidade de legitimar variados campos sociais. A educação é inerentemente um desses campos que, no entanto, é também utilizado por tais meios em seu espectro de mensagens. Dessa forma, a união entre educação e comunicação começa a se evidenciar aos olhos do homem, sendo estudados os meios em salas de aula por todo o mundo. Assim, é notável uma maior abertura ao audiovisual nas escolas contemporâneas, a partir desse contexto.

A televisão deixa de ser apenas um utensílio de entretenimento na sala de estar para transformar-se em um elemento de composição em um novo ambiente: a sala de aula. Ao longo dos últimos anos, a idéia de Educomunicação começa a se delinear na prática educacional, tendo como um de seus pontos principais o papel do educador. Este, acima de tudo, tem de estar aberto às discussões sobre a influência das mídias no cotidiano dos alunos. A Educomunicação deve ser encarada como um processo dinâmico, ainda em construção, que deve ser reavaliado constantemente e que exige o uso criterioso das informações midiáticas nas escolas.

O termo foi utilizado pela primeira vez pelo pensador argentino Mario Kaplún, e é definido como uma área de convergência da educação e da comunicação, assim como de todas as esferas englobadas pelas ciências humanas. Este se configura ainda, segundo Ismar de Oliveira, um dos precursores da Educomunicação no Brasil, como uma prática de cidadania, considerando a mesma como um movimento social para quebrar a hegemonia dos sistemas que foram estabelecidos na sociedade.



Este trabalho resulta de uma discussão dos temas apresentados em seminários pela turma do segundo semestre do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), mediante a disciplina Televisão Infantil – que é ministrada pelo Professor Mestre Rodrigo Bomfim. Os seminários são referentes à relação entre criança e televisão, em que a abordagem de aspectos como o cotidiano e imaginário da criança na atualidade, as mensagens de violência veiculadas na Tv, os apelos sexuais na mídia televisiva, a questão do marketing e da publicidade voltados para o público infantil, e a funcionalidade orgânica em voga sobre o questionamento da televisão como uma babá eletrônica, compuseram o mesmo.

Como recorte epistemológico do tema educação relacionada à comunicação televisiva, este artigo se atém a discutir as perspectivas do conceito de televisão como uma babá eletrônica. E como ponto central dessa, foi feita uma pesquisa de campo em que são evidenciados alguns aspectos da relação da criança com a televisão na contemporaneidade.

1 – Os Confrontos dos Conceitos de Rezende (1998):

Ninguém pode dar nem a outrem nem a si mesmo determinado tipo de índole, embora, aqui, o cuidado dispensado pelos pais têm seu peso. (ROTTERDAM: 1998, p. 48)

A televisão é, de fato, uma babá eletrônica? Este é o ponto-chave proposto a discussão por Rezende (1998), no texto “Televisão: Babá Eletrônica?”. Publicado no livro “Televisão, Criança, Imaginário e Educação”, que foi organizado por Elza Dias Pacheco em 1998, o texto objetiva uma reflexão sobre a função exercida pela televisão no cotidiano infantil.

A autora inicia sua abordagem lembrando a antológica imagem de uma criança sentada no chão, diante de um aparelho televisivo. Esta por sua vez está hipnotizada pelo conjunto de signos que são veiculados pelo meio de comunicação, de modo que ambos estão em consonância mantendo uma relação de simbiose. Para a autora, tal imagem simboliza uma discussão que vem se tornando cíclica. Ou seja: a sociedade costuma definir de maneira maniqueísta (Bem *versus* Mal) a ligação da criança com a televisão. E nesse sentido, o ‘maquiavelismo’, isto é, a visão apocalíptica desse embate tem suprimido aqueles que entendem a possibilidade educativa do meio. Sendo assim, o senso comum costuma classificar a televisão como uma alienadora, uma criadora de modismos, uma padronizadora de comportamentos, uma babá eletrônica.

No bojo da questão, Rezende (1998) afirma que seu texto procura estabelecer uma distância entre o moralismo daqueles que são contra esse *media* e a chamada quintessência dos que enxergam a televisão como o quinto elemento vital da sociedade contemporânea. A ótica da autora é tentar buscar formatos que encontrem

a essência da educação na veiculação da televisão voltada para o público infantil. E a forma inerente para o encontro é levar o lúdico de uma maneira mais inteligente e criativa às crianças. Para a pesquisadora, ao invés de mostrar fórmulas já existentes (que muitas vezes estão até um pouco distantes do cotidiano infantil), o meio deveria ensinar o público a pensar e criar junto. Resumidamente, seria ‘ensinar a pescar’ e não, ‘dar o peixe sem cobrar nada em troca’. O que geralmente tem sido visto é a Tv proporcionando à criança um produto comunicacional que já está estabelecido, que tanto pode ser uma esponja que anda, fala e tem outras atitudes próprias de um ser humano; ou também pode ser qualquer outra animação que tem suas características totalmente constituídas, fazendo com que o público infantil apenas sente na frente da televisão, quando – segundo Rezende (1998) – deveria estar interagindo com o desenho.

Para defender suas conjeturas, a pesquisadora recorre ao mito de Perseu e às Mil e Uma Noites de Scherazade. Como lembra a autora, Perseu é um personagem da mitologia grega, neto do rei de Argos, e que teve uma importante missão: derrotar a temida Medusa, um monstro que transformava em pedra aqueles que ousavam direcionar o olhar a ela. Medusa havia vencido todo o exército de Perseu, de tal modo que restava apenas o próprio para quebrar a hegemonia do monstro. As ninfas fizeram uma oferenda com presentes ao corajoso príncipe. Mas, a principal oferta que este teve foi um escudo de bronze dado por Atena. Quando, enfim, Perseu confrontou Medusa, usou o escudo de bronze para controlar os movimentos do monstro, e no momento em que ela soltou o olhar petrificador, ele utilizou o escudo para refletir o raio que transformava em pedra todos os inimigos de Medusa. Assim, Medusa foi atingida pelo próprio raio e morreu.

A relação lógica que Rezende (1998) propõe entre o mito de Perseu e a televisão infantil, que posteriormente será mais bem explicada e entendida, pode também se evidenciar nos contos das Mil e Uma Noites. Conta a história que o sultão Schariar, após ter sido traído por sua esposa, resolveu assassinar na manhã seguinte todas as mulheres virgens com quem dormira na noite anterior. E isto acontecia todas as noites.

Este se tornara um homem amargurado e desencantado pelo sexo feminino. A maneira que encontrou para se vingar da traição foi a morte. Muitas mulheres já haviam morrido pelas mãos de Schariar, e a próxima a dormir com o sultão seria a bela Scherazade. A moça tinha conhecimento de seu trágico destino. Porém, tinha em mente uma estratégia para impedir sua própria morte. Quando o sultão foi tirar a virgindade de Scherazade, não esperava que a moça impusesse uma condição. Ela só entregaria seu corpo caso Schariar ouvisse uma história contada por ela.

Scherazade contou a tal história, no entanto não a finalizou naquela noite. Schariar decidiu poupar-lhe a vida para ouvir o restante do conto. A bela moça também não terminou a história na noite seguinte nem na outra noite. O fato se repetiu por mil e uma noites até ela contar o final. Quando Scherazade terminou, Schariar estava por ela apaixonado, assim como a moça também estava pelo sultão. Schariar não quis mais matá-la.

Segundo Rezende (1998), em ambas situações os heróis aparentemente não tinham como vencer a morte. Contudo, usando artifícios pouco convencionais, eles conseguiram sobressair dos seus adversários e vencê-los, bem como no filme “O Sétimo Selo” (1956), do cineasta sueco Ingmar Bergman, em que um cavaleiro medieval, retornando da Terra Santa, depara-se com a Morte em forma física, e esta



se propõe a uma partida de xadrez cujo vencedor ganharia um prêmio dado pelo perdedor; tal qual os escritos de Giovanni Boccaccio, no livro *Decameron* (1348), que se passa na cidade italiana de Florença, onde um grupo de dez jovens se esconde num local afastado do centro, fugindo da Peste Negra que dizimava a população européia.

Em todas as situações descritas pela pesquisadora, vencer a morte parecia impossível, mas para um grande herói sempre há possibilidades. Aí então é que Rezende (1998) faz a analogia com a televisão infantil. Os heróis da infância são extra-humanos. Eles nunca são vencidos. E de todo modo, o jogo com a morte se constitui de mecanismos de sedução. É um processo terminantemente lento.

Para fins de comparação com o contexto cotidiano das crianças, a sedução do herói e da morte, numa sociedade repleta de ídolos e ícones, reais e ficcionais (Xuxa, Bob Esponja, Rebeldes, Britney Spears, Renato Aragão, He-Man e muitos outros) se configura como um mecanismo favorecedor às práticas do consumo infantil. De acordo com Baudrillard (1995), a publicidade utiliza diversos meios para vender mercadorias e ideologias aos mais variados públicos. Destarte, as crianças são envolvidas por esses heróis imbatíveis que simbolizam a sedução e o *status-quo* do qual se deve ter para ser aceito no convívio social.

Nessa mesma esfera do consumo, Rezende (1998) ainda teoriza a relação do feminino e do masculino preconizada por Baudrillard (1992). O pensador francês entende o masculino como o racional, o poder fálico, a pouca sensibilidade; enquanto que o feminino tange à abertura da percepção, ao entendimento, à alteridade e à visão holística. Como pontua a autora, a definição de Baudrillard (1992) não tem ligação direta com a questão dos sexos masculino e feminino, atendo-se assim a uma discussão sobre o consumo. À luz de Rezende (1998), o consumo se inclina para o feminino, ou seja, ao olhar para o global, entendendo e aceitando as diferenças étnicas, etárias, e de classes econômicas, para poder abranger todos esses campos e atender aos variados gostos de consumo.

A grande questão apontada por Rezende (1998) é: jogar ou não jogar o jogo da sedução e do consumo? Esta é uma pergunta retórica, mas o que mais importa na discussão é que a criança e a televisão devem elaborar uma relação de simbiose em que um entenda as peculiaridades do outro. Como pontua a autora, nem o próprio Narciso, sinônimo de egoísmo, pôde se regozijar sozinho - ele precisou do rio para reproduzir sua imagem.

2 - As Fronteiras Entre o Universo Infantil e o Adulto:

Os espaços de constituição do mundo adulto e o infantil estão em constante metamorfose, levando em consideração o dinamismo do universo contemporâneo. Na esfera dos acontecimentos que configuram o contexto social, o laço entre crianças e adultos parece estar cada vez mais atado na formatação midiática. A televisão aparece como um exemplo para esta ponderação. Do mesmo modo em que há uma classificação etária para cada programa - que normalmente pode ser visto em forma de tarja no canto da imagem em exibição – muitas vezes não é feito um controle do

acesso dos devidos públicos (infantil e adulto). Mais sucintamente, no caso da novela *Cobras & Lagartos*, da Tv Globo, que vai ao ar de segunda a sábado no horário das 19:15 às 20:15 horas, a classificação mínima para o público é de 12 anos. No entanto, entra em questionamento outro fator preponderante: o acesso de crianças de todas as idades às mais variadas programações devido à desatenção e, por conseguinte, falta de controle de seus responsáveis. Para tanto, Maria Rita Kehl (1991) discorre:

Aí está a criança entregue pela família aos cuidados da televisão. Pela mãe ocupadíssima, pelo pai ausente, pela cidade que se esqueceu de abrir espaços de convivência para ela, pelo isolamento da família nuclear: a relação da criança com a televisão também é determinada pela ordem que a cerca. Aí está ela entregue a este grande Outro, senhor do código e da lei; um código impossível de ser simbolizado justamente porque nunca se cala, e se manifesta em fluxos de imagens concretas e abundantes. (KEHL, p. 62)

A criança vem dependendo da televisão para se entreter de tal forma que a televisão também vem dependendo da criança para se manter ativa. O elo dessa questão é um mediador (podendo ser o pai ou a mãe), que tem a função de controlar o que as crianças assistem na televisão.

Rezende (1998) faz uso do termo ‘Proxemia’, cunhado pelo pensador francês Maffesoli (1998), para designar o espaço-tempo típico da televisão, que seria semelhante ao cotidiano real, mas que é dotado de fatores lúdicos. Percebe-se por essa constatação que a semelhança com o real é o fator-chave para que o produto televisivo consiga conquistar e manter a atenção do espectador, considerando que o mesmo gera identificação com a sua realidade.

Pacheco (1998) corrobora essa afirmação e, trazendo essa discussão para o contexto ‘Criança-Televisão’, defende que a Tv ingressa no mundo infantil pelo fator lúdico, e seu divertimento é criado não a partir da fuga do real, mas pela relação com o real, pela similitude que exerce com as práticas cotidianas infantis.

Destarte, esse caráter de semelhança presente no conteúdo da programação televisiva, quando pensada em relação à criança, promove inúmeras discussões. Com os avanços tecnológicos, a semelhança com o real ganha caráter cada vez mais verossímil. O questionamento dos teóricos, pais e professores, parte desse ponto. A criança, em sua pouca vivência, é capaz de dissociar realidade e ficção da programação?

Rezende (1998) afirma que sim: a criança sabe o que é real e o que é fantasia. A concordância com tal posicionamento na relação criança-televisão encontra-se longe de caracterizar-se com a unanimidade. Sobre esse aspecto, Piaget (*apud* Gomes) salienta que apenas as crianças de uma idade mais avançada, por sua maior vivência, são



capazes de realizar essa distinção. Maria Rita Kehl (1991) afirma ainda que a criança, quando muito pequena, ao ser exposta ao conteúdo televisivo, é passível de manipulação, devido à sua pouca vivência social, que não lhe permite realizar uma distinção eficaz entre a ficção e a realidade.

Apesar da aparente discordância total, em um ponto há convergência entre os teóricos. O ponto-chave, segundo a autora é a vivência infantil: uma criança que tenha experiências diversificadas na família, na escola e com os amigos, é capaz de realizar, de maneira eficiente, essa polêmica distinção.

Na turminha da escola ou nas brincadeiras, no condomínio ou no clube não são necessários muitos detalhes do episódio. Às vezes, basta um nome, o do super-herói ou do desenho animado para que a comunicação baseada na cumplicidade da audiência se estabeleça. Mais do que um grupo, essas crianças formam uma tribo, no sentido que Maffesoli atribui ao termo e espalha-se à proximidade, que é uma ocupação simbólica de um de um tempo-espaço comum e efêmero. (REZENDE, 1998 p. 78).

Gomes (2006) pontua em relação a essa discussão e afirma que o processo de recepção das crianças em relação aos produtos televisivos não se restringe a assistir Tv. Logo, a formação de ‘tribos’ resulta na confirmação do conteúdo veiculado. Um outro questionamento nasce então: a criança entra em contato com o outro, mas se fecha em tribos com os iguais? Isto não evitaria uma discussão do desenho animada sob uma outra ótica? Onde e como os adultos podem se inserir nessa situação?

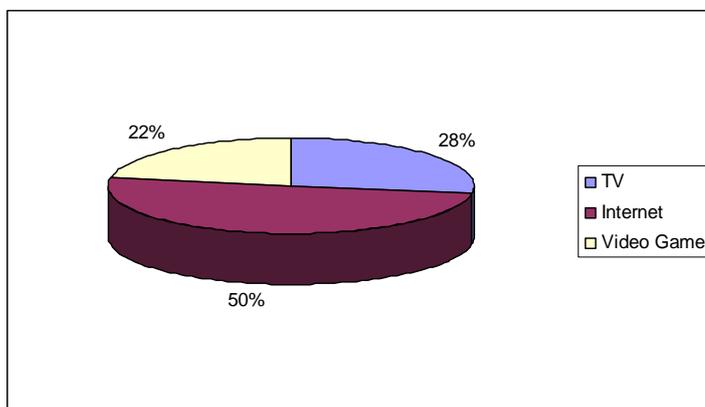
A visão adultocêntrica da programação da Tv por vezes impede que o mesmo entre em um processo de encontro com a criança, o que impossibilita a discussão. Ainda segundo Gomes (ibid), conhecendo o processo cognitivo e emocional da criança, o adulto não deve reduzir sua relação com o mundo, de uma forma na qual a criança seja um adulto miniaturizado. Ele deve adaptar-se à criança para que haja um processo de identificação.

3 – A Pesquisa de Campo

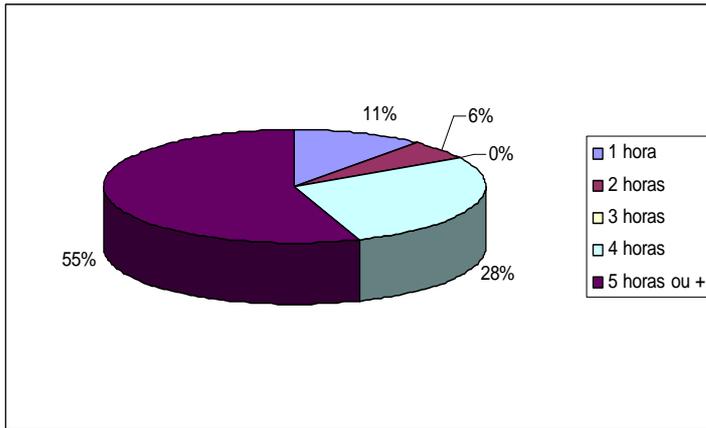
Com o objetivo de ter ciência sobre o real uso da televisão como babá eletrônica da criança, o artigo propõe agora a realização de uma pesquisa de campo. Esta amostragem provém de uma classe da primeira série do ensino fundamental de uma escola particular, em Itabuna-Bahia. As crianças estudam no turno vespertino e têm, em sua maioria, sete anos de idade.

Ao serem questionadas sobre suas preferências de lazer, metade das crianças escolheu a opção internet. Todavia, sobre a quantidade de horas em frente à televisão, 55% afirmou passar 5 horas ou mais. As respostas pareciam incompatíveis inicialmente, mas quando indagadas sobre esse antagonismo, elas explicaram que assistiam Tv enquanto navegavam na Internet.

3.1 - Preferência de Lazer?

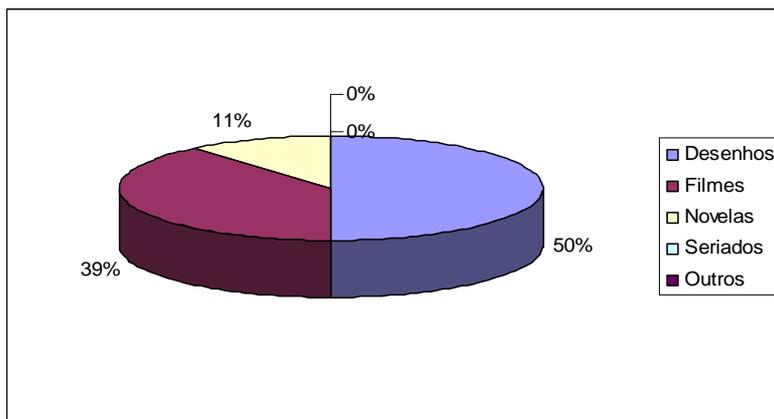


3.2 - Quantidade de Horas em frente a Tv?



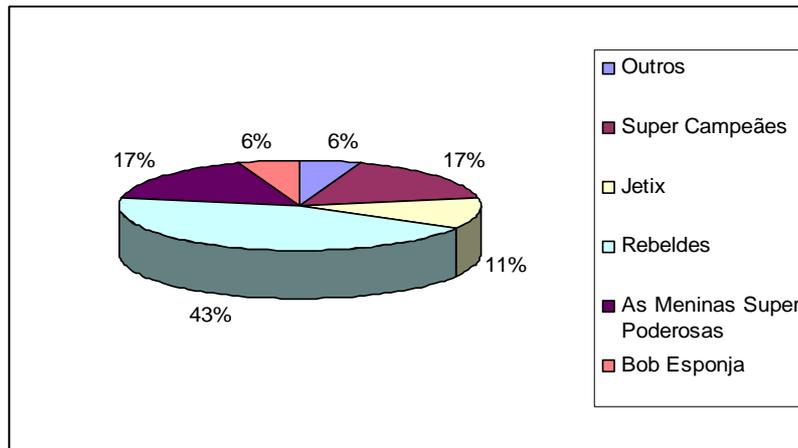
3.3 - O que mais gosta de assistir?

A pesquisa identificou o que as crianças mais gostam de assistir na televisão. A opção desenho animado foi escolhida por metade delas, seguida de filmes e novelas, conforme gráfico abaixo.



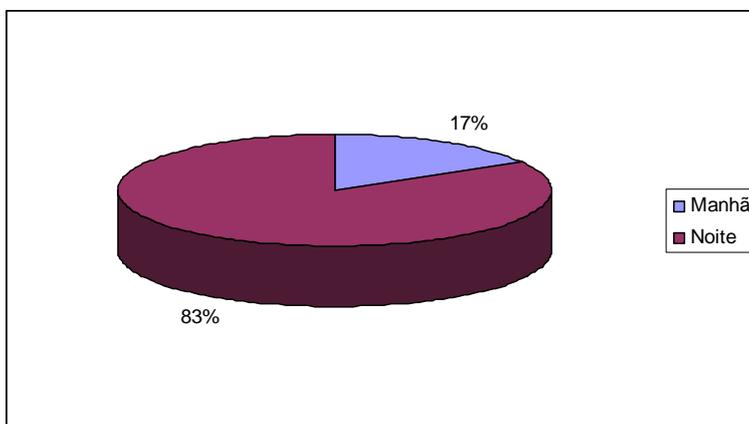
3.4 - Programa Preferido?

No que diz respeito ao programa preferido, ficou evidente a predileção pela novela Rebeldes (transmitida pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT), tanto entre meninos quanto entre meninas. O segundo programa mais citado pelos meninos foi o desenho “Super Campeões”, já entre as meninas, o segundo mais citado foi o desenho “As Meninas Super Poderosas”. No gráfico abaixo segue o demonstrativo das escolhas de ambos os sexos.

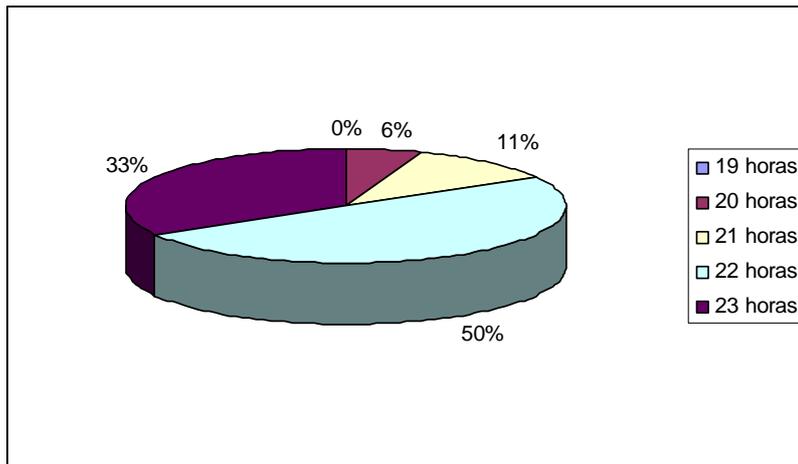


3.5 - Turno em que mais assiste Tv?

Foi levantado também o perfil dos entrevistados no que diz respeito ao turno que mais assistem televisão. Embora elas estejam em casa no turno matutino, o período noturno é o cujo 83% das crianças passa em frente ao aparelho televisor. Esse percentual, em parte, é explicado pelo horário em que as crianças dormem.



3.6 - Hora em que dorme



CONSIDERAÇÕES FINAIS:

À televisão não se pode firmemente atribuir o papel de babá eletrônica. Contudo, ainda é plausível o entendimento do fato de alguns pais, preocupados com a violência das ruas, prestarem à televisão um papel de facilitador/mediador na educação de seus filhos. Nesse caso, a Tv surge como um mecanismo de coibição da violência que as crianças poderiam estar sofrendo nas ruas. Também não se deve tentar transformar a Tv em sala de aula, porque o objetivo principal desta é conquistar uma audiência para se manter ativa junto aos anunciantes que fomentam sua sobrevivência. A televisão é muito mais entretenimento que educação e informação. Mesmo assim, é considerado válido conduzi-la às escolas com o intuito de propor uma filtragem do conteúdo televisivo direcionado ao público infantil. Desse modo, de forma exclusiva, é mister que a relação entre educação e comunicação consiga transmitir uma perspectiva de cidadania às crianças nas salas de aula.

Os textos neste trabalho selecionados e analisados admitem que a televisão participa inegavelmente da construção de uma visão do mundo da criança, mas que esta visão não é dissociada do meio no qual a criança vive, ou seja, família, escola, grupo de amigos.

É possível que a televisão seja aliada na educação e no desenvolvimento infantil, uma vez que as programações televisivas podem oferecer estímulo à verbalização, através do encorajamento de relações com sua vida cotidiana. A Tv, portanto, deve ser



utilizada no processo de conscientização, pois assim os valores que ela ensina podem e devem ser discutidos.

BIBLIOGRAFIA:

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995
FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1992.

FREIRE, P. GUIMARÃES, S. **Sobre Educação: diálogos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KEHL, Maria Rita. **Imaginar e pensar**. IN Novaes, Adauto (Org.). *Rede imaginária - televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOMES, Itânia. **Ingenuidade e recepção: a relação da criança com a TV**. In: <http://www.facom.ufba.br/sentido/ingenuid.html>. Acesso em: 20 de outubro de 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos** - o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1987.

O SÉTIMO SELO. Direção: Ingmar Bergman. Produção de Allan Ekelund, *Suécia, Estúdio: Svensk Filmindustri*, 1956 (100 minutos).

PACHECO, Elza Dias. **Infância, cotidiano e Imaginário no terceiro milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada**. In: Pacheco, Elza (org). *Televisão, criança, Imaginário e educação*. Papirus: Campinas, 1998.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas: Papirus, 1998.

REZENDE, Ana L. M. de. **Tv: babá eletrônica?** In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. Campinas: Papirus, 1998.



ROTTERDAM, Erasmo de. **De Pueris (Dos meninos)** - a civilidade pueril. São Paulo: Editora Escala, 1998.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação, Mídia e Saber**. In: Educomunicação: Reflexões e Princípios. Rio de Janeiro: MAUD, 2002.